



Apresentação

Infância e Educação

**Leni Vieira Dornelles
Dora Lilia Marín-Díaz**

Esta seção temática da Revista *Educação & Realidade*, intitulada *Infância e Educação*, não pretende mostrar a resposta, a saída, a solução e tudo mais que envolve a infância e sua educação. O que nos interessa é a possibilidade de apontar novas formas de problematizar o já conhecido e, quem sabe, traçar cartografias insuspeitadas para fazer frente às nossas aflições no que diz respeito às relações que estabelecemos com as crianças e sua educação.

Muitas são as abordagens, as discussões e os estudos teóricos que se apresentam no campo da Educação e da Pedagogia, nas últimas décadas do século XX. Em particular, aqueles vinculados à emergência da pergunta pela constituição da infância como objeto e como sujeito da educação. As transformações teóricas que versam sobre infância constituem o pano de fundo e as questões fulcrais nos debates atuais acerca, não só da educação das crianças, mas, também, da formação dos professores encarregados de sua atenção nas instituições educativas.

Atualmente é preciso reconhecer que a relação entre educação e infância, que a partir de alguns pressupostos teóricos nos parecia tão natural e

óbvia, quando revisada à luz da historiografia da infância e da historiografia da educação, é desconstruída em sua naturalização. Tal desconstrução nos permite *olhar de outro modo*, as significativas transformações das práticas educativas nos últimos séculos. Modificações que atravessam e são perpassadas pelas nossas percepções sobre as crianças e que nos levou vinculá-las a esse grupo etário que chamamos de infância. Por termos por tantos anos, significado a infância como natural, protegida, única, inocente, ainda nos é caro entender as suas multiplicidades. Assim, parece que as discussões contemporâneas sobre a infância e sua educação encontram-se ancoradas nessas formas diferentes de olhar para esse sujeito de saber e a esse objeto de poder que nomeamos infância. Tal conceito apresentado ora como noção, ora como experiência de vida para as crianças encontra-se, muitas vezes, no foco das práticas educativas atuais.

Desse modo, mais que um assunto de *ideologias*, mais que um resultado do processo de modernização dos Estados ou um resultado da aplicação de teorias educacionais, será necessário atentarmos para a constituição, hoje, de um amplo campo discursivo sobre a infância. Conceitos esses vinculados a uma complexa prática educativa, que na contemporaneidade antecipamos e promovemos sobre e para ela. Segundo as discussões que analistas contemporâneos fazem da infância como experiência e como noção, a educação aparece como lugar estratégico tanto para difundir práticas sociais com relação às crianças, quanto para produzir formas de resistência diante dela. Por sua vez, os historiadores da infância e da educação (seja como conceitos, seja como práticas) vêm assinalando que o tecido dessa relação tornou-se central em suas reflexões, desde a década de 1980. A amplitude de trabalhos desenvolvidos neste sentido é uma mostra do importante lugar que tais práticas ocupam até hoje.

Embora possam ser assinaladas diferenças substanciais entre as noções de infância e de educação no pensamento dos filósofos da educação, poder-se-ia ainda dizer que, suas análises também se constituíram em pontos de emergência de novos e de diferentes discursos sobre a infância e, em particular, sobre as relações educativas que, como adultos, propomos às crianças. As análises retomadas por diferentes autores, que compõem esta seção temática propõem compreender a infância como sendo uma condição e uma possibilidade de aprendizagem e pensamento, tanto no que trata das crianças na condição de alunos, quanto dos adultos que, na posição de professores, torna possíveis outros espaços e tempos de encontro entre a infância e a cultura.

Parece que interrogar historicamente a constituição da forma de ser e de pensar a infância e as práticas escolares evidenciam o importante papel que desempenha a escola, como instituição disciplinar por excelência, tanto na constituição das subjetividades das crianças quanto na difusão de uma forma de ser do pensamento sobre elas. Essa instituição moderna é o cenário, a prática, o dispositivo, a maquinaria através da qual atua o poder; ela se encontra articulada e articuladora de uma série de dispositivos, de táticas e de estratégias que, no decorrer dos dois últimos séculos, se organizaram e se instala-

ram para o governo da população, em particular, o das crianças. Desse modo, a escola aparece como uma das instituições cujo eixo de formação é a disciplina, e cuja tarefa é a produção de subjetividades governáveis na contemporaneidade.

Ao assinalar alguns dos elementos que são definitivos nas discussões sobre infância e sua educação, e que aparecem como centrais na ordem do saber pedagógico hoje, nosso propósito é salientar a pertinência e a relevância de recolher, reunir, compor uma seção temática para a Revista *Educação & Realidade*. Tal seção apresenta um conjunto de discussões atuais sobre o tema – *Infância e Educação*.

Linda Pollock, da Tulane University, argumenta em prol de uma compreensão estendida do conceito de educação. Examina a socialização das crianças inglesas em casa no início do período moderno. Analisa o papel desempenhado pelos pais na instrução religiosa e na educação acadêmica dos filhos. Investiga também como as crianças foram preparadas para o seu ambiente em sua cultura e sociedade. Mostra que embora os pais tivessem um conjunto de valores bem definido que desejavam passar para os filhos, não era a sua pretensão obrigá-los a aceitar tais valores. Em vez disso, os pais queriam garantir que os filhos trabalhassem muito e compreendessem que seus bons modos seriam recompensados.

David Buckingham, da University of London, mostra alguns dos desafios exigidos das escolas, pelas culturas digitais emergentes em nossa juventude. Questiona a opinião de que a escola seja uma instituição ultrapassada e que seu fim seja iminente e previsível; o relato de relações necessariamente libertadoras ou empoderadoras dos mais jovens com a mídia digital, promotora de estilos mais espontâneos e *informais* de aprendizagem; também a ideia de que a tecnologia ofereça uma forma mais eficiente para as escolas atingirem sua missão tradicional. Argumenta que as escolas podem desempenhar um papel pró-ativo, ao apresentar tanto perspectivas críticas, quanto oportunidades de participação em relação à nova mídia e a participação dos jovens nos *mundos cibernéticos*, fazendo emergir algumas questões fundamentais quanto ao futuro da escola como instituição.

Guillermo Bustamante Zamudio, da Universidad Pedagógica Nacional, atenta que frente ao consenso — sem debate — de que a escola está em crise, a psicanálise sustenta a impossibilidade da educação: em seu sonho proliferam resíduos de produtos que não se descartam e que se apresentam de maneira cada vez mais distinta, de acordo com a transcendência que insiste em explicá-los. Estes restos são característicos da maneira como nos produzimos como sujeitos da linguagem, de modo que não se pode buscar o problema, nem a solução, em um ser moral, em um corpo orgânico, ou em um desenvolvimento incompleto. Para se construir a regulação da criança, normalmente a educação tem mostrado o caminho; mas hoje ao se traçar o caminho se deixa para trás a tradição, há uma competição entre o campo da informação e da regulação e o da interação mediante a modalidade de contrato, modalidades todas de renúncia à sua especificidade.

Thomas S. Popkewitz, da University of Wisconsin–Madison, explora os gestos dúbios de esperança e de medo como história do presente. Essa história investiga as ciências. Na primeira parte do seu texto, trata de temas de salvação da educação progressista americana na pedagogia escolar. Mostra como se articulam a Reforma Protestante, as noções e os imaginários cosmopolitas do iluminismo americano e as teorias da criança, da família e da escola nas ciências da pedagogia. Em segundo, retoma os temas de salvação, educação urbana e comunidade nas reformas contemporâneas. Aborda como o cosmopolitismo do presente dirige a atenção às qualidades da criança, associadas à aprendizagem vitalícia que existe em relação aos medos da criança que vive fora do espaço cultural desse cosmopolitismo e como se produzem na sociedade cosmopolita as relações em que a criança passa a ser classificada como *urbana*.

Pedro Angelo Pagni, da Universidade Estadual Paulista, em seu ensaio recupera o sentido original da infância, para problematizar as ambições modernas de seu pleno governo por meio da arte pedagógica, na modernidade, e para analisar o seu potencial de resistência, na atualidade. Discute as possibilidades desta arte se reconverter em práxis que requer o cuidado de si e de ser assumida como uma dívida por parte dos educadores. Para isso, recorre aos conceitos foucaultianos de governamentalização e de cuidado de si e à noção lyotardiana de dívida com a infância. Dessa perspectiva teórico-conceitual oferece algumas pistas para que, como educadores, pensemos o cuidado com esse outro, na arte pedagógica, a partir da crítica filosófica aos abusos do poder e da recomendação socrática sobre o cuidado de si.

Walter Omar Kohan, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em seu artigo, parte do conceito de infância apontado por Lyotard, que a define como um resto do inumano que todo ser humano deve abandonar para nascer. Recupera, com ele, a tarefa política de resistir ao esquecimento dessa infância. Faz tal reflexão interrelacionando outros autores, como Sócrates, quando coloca a infância no reino de uma verdade tão justa quanto impossível de escutar; Rilke ao identificar a infância com as crianças e com a arte; Deleuze ao despegar a infância da subjetividade que a inscreve em uma trama de esquecimento de si. Finalmente, traz a crítica que o próprio Lyotard desdobra do totalitarismo contemporâneo focado na infância. Defende que as quatro leituras têm uma ligação política: trata-se de modos de resistir ao esquecimento da infância que constitui todo ser humano.

Simone Santos de Albuquerque, da Universidade Federal do Rio Grande, discute a educação das crianças no que se refere ao paradoxo entre o ordenamento legal, os discursos e a realidade vivenciada pelas crianças e suas famílias. Tem como base a pesquisa que buscou compreender como alguns grupos de famílias, dos meios populares de um bairro da periferia urbana do Município de Rio Grande, estruturam suas práticas e suas lógicas de cuidado/educação das crianças. Aponta como a lógica cultural familiar está associada a uma *obrigação moral* em que a família não deseja delegar, mas, sim, compartilhar e socializar-se com as crianças. Apresenta a possibilidade de pensar

para além dos modelos existentes de creches e de pré-escolas. Por fim, problematiza as relações entre as famílias e as instituições escolares, tendo em vista que esta tem sido a única política educativa vivenciada pelas famílias.

Maria Isabel Bujes, da Universidade Luterana do Brasil, mostra que a noção de risco está associada a temas como poder e governmentação, considerados segundo uma perspectiva pós-estruturalista. Tomando como centrais os conceitos de *sociedade disciplinar*, *sociedade e dispositivos de segurança*, *normalização* e *risco*, examina, preliminarmente, algumas transformações nos modos como determinados grupos de crianças vieram a ser percebidos e como se tornaram alvo de alguma forma de cuidado ou assistência social. A seguir, problematiza a ideia de risco, presente tanto nos discursos do cotidiano quanto nas políticas para a infância, para indicar sua associação a um tipo de racionalidade que orienta formas específicas de exercício do poder que se endereçam ao campo infantil.

Leni Vieira Dornelles, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, trata sobre a discursividade que compõe as revistas hoje e, em especial, as revistas femininas infantis brasileiras. Quando dá visibilidade aos textos das revistas, às suas imagens e à sua organização, tem a intenção de mostrar como se dá o processo de fabricação dos sujeitos femininos infantis no papel. Mostra como o disciplinamento da sexualidade das meninas perpassa suas páginas, através de estratégias utilizadas para *ensinar* às meninas a se constituírem num misto de inocência e pureza, de sensualidade e erotização, de beleza e juvenescimento. Sustenta que essa posição de sujeito – a de juvenescido – produz efeitos na subjetivação de meninas e de mulheres contemporâneas e, conseqüentemente, na forma de pensar a sua educação.

Dora Lilia Marín-Díaz, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, analisa a emergência, no saber pedagógico da Modernidade, de duas figuras infantis – uma clássica e outra liberal – e a difusão ampla, massiva e conflitante de práticas relativas à segunda, no último século. A autora conversa com os discursos sobre a morte da infância moderna e/ou a emergência de uma figura infantil pós-moderna nas condições contemporâneas e discute que tal processo ter-nos-ia levado à produção de um amplo campo discursivo sobre a infância e, com ele, à emergência de uma quimera infantil: uma forma de subjetividade na qual se combinam os mais heterogêneos, incongruentes e diversos elementos e características que atribuímos às crianças.

Ao finalizar esta apresentação, convidamos todas as pessoas que leem a Revista *Educação & Realidade* a acompanharem as abordagens aqui tratadas, atentando para seu modo renovado de tematizar o amplo campo discursivo contemporâneo da infância e de sua educação, a partir das aproximações que dela fazem os autores nacionais e internacionais. Que esta seção temática seja uma ferramenta que amplie o campo de discussão sobre o que poderíamos considerar como um tema central no processo de formação dos professores. Boa Leitura!



Leni Vieira Dornelles é professora doutora da Faculdade de Educação da UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil, coordena o GEIN (Grupo de Estudos em Educação Infantil). É membro da COMPÓS/Faced e atua no Pós-Graduação na Linha de Pesquisa Estudos sobre Infâncias.

E-mail: ledornel@redemeta.com.br

Dora Lilia Marín-Díaz é licenciada em Química pela Universidad Pedagógica Nacional de Colombia, mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil (bolsista CNPq) e doutoranda em Educação pela mesma instituição. É bolsista do Programa PEC-PG da CAPES.

E-mail: dora.marin@ufrgs.br